



XII COLOQUIO NACIONAL E V COLOQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO



26 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

ISSN: 2175-5493

PRISÃO, ETNIAS E EXCLUSÃO SOCIAL

Mariana Neves Lima¹
Ednalva Santos de Jesus²
Luziê Maria Fontenele Gomes³

INTRODUÇÃO

O vocábulo “etnia”, no Brasil, possui um viés pejorativo ao se revelar um preconceito para um determinado grupo social ou para expressar as minorias. Ao se investigar o modelo penal do Brasil, vê-se que o racismo e a escravidão continuam existindo, uma vez que, majoritariamente, as pessoas privadas de liberdade são negras e de baixa escolaridade.

Esta pesquisa só foi possível por conta da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, em conjunto com o Ministério da Educação – MEC, que criou o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid, com a finalidade de valorizar o lugar das licenciaturas com a formação inicial de professores nos diversos espaços educacionais. A construção do Pibids e baseia em alguns princípios que orientam a formação e o desenvolvimento profissional docente, são eles:

- 1) a formação de professores deve ter como referência o trabalho na escola e a vivência de casos concretos;
- 2) a formação de professores se torna possível a partir da combinação do conhecimento teórico e metodológico dos professores das instituições de ensino superior com o conhecimento prático e vivencial dos professores das escolas públicas; e
- 3) a formação de professores deve estar atenta às múltiplas facetas do cotidiano escolar, às investigações que levam à resolução de situações-problema e à inovação no campo da Educação. (CAPES, 2012)

Assim, levando em conta esses princípios que valorizam a formação teórica e

1 Graduada em Letras - Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Brasil. Endereço eletrônico: maryannalimma@yahoo.com.br

2 Graduada em Letras - Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Brasil. Endereço eletrônico: liladejesus03@gmail.com

3 Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil. Endereço eletrônico: luzietfontenele@gmail.com



prática dos futuros professores, este trabalho faz uma reflexão acerca da vivência em uma sala de aula em uma unidade prisional, entre as múltiplas observações realizadas neste contexto carcerário, uma delas nos evoca a uma análise mais aprofundada, que é a massiva presença de pessoas negras e/ou afrodescendentes nesse ambiente. Este estudo tem o objetivo de investigar as etnias e os preconceitos que estão subjacentes unidades prisionais.

Em conformidade com o dicionário Aurélio (2012), o termo etnia vem da língua grega através da palavra *ethnos*, povo que tem o mesmo *ethos*, costume, incluindo língua, raça, religião e outros. O termo etnia enquanto estudo relacionado à questão racial foi estabelecido no início do século XIX por Vancher de Lapouge (D'ADESKY, 2005), com uma forte vinculação à perspectiva cultural, articulando-se às concepções de raça, povo e nação. O conceito de raça está centrado nos aspectos morfológicos, enquanto etnia se relaciona às especificidades psicológicas e sócio-histórico-culturais das comunidades ligadas entre si, no que tange a consanguinidade, língua e cultura.

O Ministério da Justiça e Cidadania publicou, em 2014, o Relatório do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – Infopen na qual se constata que a população penitenciária brasileira era de 622.202 pessoas. Dessas pessoas, 55% tinham a idade entre 18 e 29 anos, e destes 61,6% se declaravam negros e cerca de 75,08% tinham o ensino fundamental completo (INFOPEN, 2014).

Para D'Adseky (2005) e Munanga e Gomes (2006), um conjunto populacional dito raça “branca”, “negra” e “amarela” pode conter em seu seio diversas etnias. Uma etnia, por conseguinte, pode ser entendida como um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; possui uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território. Dessa forma, o termo etnia tende a ser substituído pelo conceito de raça por conta das implicações ideológicas do uso do conceito que desembocou no racismo e na discriminação com motivação racial.

As prisões brasileiras se constituem majoritariamente por negros pobres, lembrando o controle efetivo dos negros escravizados, na época escravocrata. Percebemos, então, que mesmo depois de dois séculos, o que antes era regime escravocrata, hoje são as prisões. A população pobre negra e/ou afrodescendente sofre preconceito fora e dentro da prisão, ela é marginalizada e estigmatizada, invisibilizada pelas políticas públicas, caracterizando-se como mais uma forma de dominação.

A prisão agrava o quadro da exclusão social, segundo o Infopen (2014), um terço dos detentos perdem suas casas enquanto estão presos, dois terços perdem seus empregos



e cerca de dois quintos perdem contato com suas famílias.

Para Foucault (1987), a prisão desempenha funções importantes na manutenção das relações de poder na sociedade; um poder disciplinar que permeia os sistemas de dominação. O indivíduo que está na prisão está isolado não só fisicamente, mas também, muitas vezes seus vínculos afetivos são quebrados. Muitas das vezes, os indivíduos negros e pobres não puderam atingir os patamares mínimos para o acesso a bens culturais e/ou de serviços públicos, como a oportunidade de frequentar uma escola.

METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado mediante uma revisão da literatura especializada, consultando livros, periódicos, artigos científicos selecionados mediante busca no banco de dados do Scielo disponibilizado pela internet, bem como análise das fichas dos alunos internos, matriculados na escola dentro do conjunto penal. Nessas fichas, há um quesito em que a pessoa declara a sua cor.

De posse dessas fichas de autodeclaração de cor/raça/etnia e o trabalho desenvolvido pelo Pibid em algumas salas de aula, esta pesquisa pode inicialmente desenhar alguns resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os estudos relacionados à prisão, especificamente, à identidade das pessoas que estão privadas de liberdade, levam-nos a perceber que o preconceito quanto às etnias negras e/ou afrodescendentes são latentes. O trabalho desenvolvido no Pibid nas salas de aula do presídio fez-nos perceber a dimensão dessa realidade. Os dados do Infopen de 2014 podem ser confirmados em 2017, uma vez que os presos, homens e mulheres, que estão matriculados na escola que atende a essa unidade prisional, a sua maioria é negra e/ou afrodescendente e possui baixa escolaridade.

Esta pesquisa que ainda está em andamento mostra aos licenciandos, bolsistas do Pibid, um repensar sobre os preconceitos oriundos pela cor da pele, bem como a ausência de oportunidades que essa população sofre e vem sofrendo paulatinamente.



CONCLUSÕES

A pesquisa ainda está em andamento, no entanto, é possível concluir que a população negra e/ou afrodescendente é a maioria presente na unidade prisional investigada. Também, que a baixa renda e baixa escolaridade dessas pessoas contribuíram de alguma forma para que fossem excluídas não somente do acesso aos bens culturais como também de direitos estabelecidos pela Constituição brasileira, como a educação.

Palavras-chave: Etnias. Prisão. Exclusão social.

REFERÊNCIAS

CAPES. **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência**. 2012. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>. Acesso em: 2 abr. 2017.

D'ADESKY, J. **Pluralismo étnico e multi-culturalismo**: racismos e anti-racismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

DICIONÁRIO AURÉLIO. 2012. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 2 abr. 2017.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

INFOPEN. Ministério da Justiça e Cidadania. **Relatório do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias** – Infopen. 2014. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/noticias/populacao-carceraria-brasileira-chega-a-mais-de-622-mil-detentos>>. Acesso em: 2 abr. 2017.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje**: história, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Global, 2006.